

Diplomacia presidencial em marcha

■ Na Índia 4ª-feira, Fernando Henrique toca sua política de ampliação "em número e qualidade" das parcerias internacionais

LUÍZ ORLANDO CARNEIRO

BRASÍLIA — Segundo comentário de um embaixador estrangeiro, que representa um dos países incluídos na lista de "parceiros estratégicos" pelo chanceler Luiz Felipe Lampreia, "o presidente Fernando Henrique Cardoso é, no momento, o melhor vendedor do produto Brasil". Não que o presidente, que chega quarta-feira à Índia, tenha feito 19 viagens no ano passado para aumentar, de um momento para outro, as exportações brasileiras; ou conseguir vantagens imediatas no âmbito dos organismos internacionais e de integração regional.

A "diplomacia presidencial", anunciada pelo próprio Fernando Henrique no início de seu governo, tem por objetivo "vender uma nova imagem e uma nova realidade do país a parceiros estrategicamente escolhidos", segundo afirma um alto funcionário do Itamarati.

No rastro de suas visitas a países como os Estados Unidos, a Alemanha, a China e os países-membros ou associados do Mercosul, Fernando Henrique tem procurado deixar o seguinte recado, segundo palavras do próprio chanceler Luiz Felipe Lampreia, que neste fim de semana está em Lisboa: "Ampliar o

número e a qualidade das nossas parcerias internacionais, com o objetivo de aumentar nosso acesso a mercados, a tecnologias e investimentos."

Neste primeiro ano de governo não é possível ainda transformar em números o sucesso dessa diplomacia presidencial, mas o ministro Lampreia considera a consolidação do Mercosul "o objetivo central da política externa brasileira", tendo quadruplicado, com relação a 1991, o volume do comércio entre o Brasil, a Argentina, o Paraguai e o Uruguai (foram aproximadamente US\$ 10 bilhões em 1995).

Além das frequentes viagens aos países do Mercosul, o Itamarati destaca o sucesso das visitas presidenciais aos Estados Unidos (onde esteve duas vezes), à Alemanha, à China e à Malásia.

O presidente da Alemanha, Roman Herzog, que retribuiu em novembro a visita que Fernando Henrique lhe fez em setembro, anunciou no Brasil que seu país pretende dobrar os investimentos diretos no país, que já chegam a US\$ 10 bilhões. O secretário do Comércio Exterior

da França, Yves Galland, que esteve há dias em Brasília, espera para o ano que vem a visita do presidente brasileiro à França, mas anunciou que muitos investimentos virão no rastro dos US\$ 1 bilhão que a Renault vai investir numa fábrica de automóveis, cujo local será anunciado no próximo mês.

A ministra Vera Machado, chefe da Secretaria de Imprensa do Itamarati, e que integrou a comitiva presidencial à China e à Malásia no fim do ano passado, qualificou as viagens de "um sucesso", não só por ter sido reiterado com a China o conceito de "parceiro estratégico". Em Kuala Lumpur, segundo a ministra, o governo brasileiro surpreendeu-se com o oferecimento do primeiro-ministro malásio de criar um entreposto brasileiro na Malásia, como "porta de entrada" para os países da Asean (Associação das Nações do Sudeste Asiático) — a maioria deles os chamados tigres asiáticos.

Quanto à China — membro

permanente do Conselho de Segurança da ONU, e que apóia a candidatura brasileira à esperada ampliação das cadeiras permanentes no Conselho — o "projeto-âncora" das relações bilaterais, ainda segundo a ministra Vera Machado, é o projeto especial de satélites, que permitirá ao Brasil oferecer serviços de sensoriamento remoto já a partir de 1997.

O ministro Lampreia, numa listagem "não-exaustiva" das prioridades ditadas pelo presidente da República e ex-chanceler Fernando Henrique Cardoso, destacou as seguintes, além da consolidação do Mercosul:

- Intensificação das relações com o centro dos três pólos de poder econômico mundial: Estados Unidos, União Europeia e Japão.
- Dinamização das relações com a região da Ásia-Pacífico.
- Relançamento das relações com os três países continentais: China, Rússia e Índia.
- Reforma da Carta das Nações Unidas, com o Conselho de Segurança passando a ter mais dois ou três membros permanentes, além dos cinco atuais. Um dos novos, evidentemente, o Brasil.



AFP, Bariloche — 16/10/95

André Barcinski, Washington — 20/4/95

Evandro Teixeira, Pequim — 13/12/95



Com Menem e ibero-americanos



Aplaudido por Clinton, no jardim da Casa Branca



Com Jiang Zemin na China

Olhar no olho o mundo novo

O mundo pode ser mau e cheio de armadilhas, mas é também vasto e complexo. E sobretudo: é nele que estamos. Melhor, então, pôr-se à altura do desafio. A diplomacia presidencial não surpreende o cientista político René Dreifuss, que gosta de raciocinar com um mapa mundi à frente. Não se trata, diz, de inserir o Brasil no mundo, onde sempre esteve, mas de negociar os termos da inserção, as parcerias e possibilidades de barganha. Resta saber com que projeto.

Hoje no Centro de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense, Dreifuss parece alguns passos à frente nesta reflexão. Autor de investigações profundas sobre o Brasil (1964: *A conquista do Estado*, Vozes, 1981) e, mais recentemente, sobre as tendências globalizantes (*A Internacional capitalista*), tema de seu próximo trabalho, ele admite que a pulga se mantém atrás da orelha dos brasileiros. Sim, o mundo cruel do neoliberalismo triunfante (a expressão não é sua) aumenta o desemprego. Sim, só a satisfação interna pode fazer das investidas internacionais mais que uma retórica de "política externa independente", como as que o México e a Romênia só conseguiram desenhar no papel, há dez anos.

Mexer-se — "Mas o Brasil precisa começar a se mexer, apesar de suas deficiências, apesar da pobre base científica e do parque tecnológico pobre, apesar de não ter — como já têm ou começam a desenvolver a Indonésia, a Índia, o Vietnã, a Malásia — marcas próprias para oferecer e barganhar", diz Dreifuss. Ele lembra como a Coreia do Sul, com dilemas (ditadura, clientelismos) semelhantes aos brasileiros, soube promover uma autêntica substituição de importações, com efetiva associação dos grupos nacionais favorecidos ao capital estrangeiro e ao desenvolvimento tecnológico.

A nova realidade mundial e o desempenho da Ásia parecem um desafio fascinante para Dreifuss. É com evidente volúpia intelectual que expõe seu conceito das "cadeias regionais de produção", descrevendo como o Japão contrata peças na Coreia, serviços em Cingapura, matérias-primas na Indonésia, integrando ainda Malásia, Tailândia e Vietnã ao processo; que fala de um mundo de "globalização comercial e financeira, de transnacionalização produtiva" em que os números das trocas comerciais entre países já não significam o mesmo; desse mundo de 38 mil corporações multinacionais, 90% delas sediadas em apenas 14 países.

Tudo bem que o Brasil busque na órbita geopolítica da América e no Mercosul "mais músculos para a barganha mundial". Mas já sabe que não precisa depender da localização geográfica para participar do jogo econômico, associar-se, buscar complementação econômica, mercados, cabeças, co-

nhecimento. Aproximar-se da Índia só pode ser saudável: "É o país dos 100 mil matemáticos, do complexo científico e tecnológico de Bangalore, de destrezas múltiplas, de um vasto leque de classes médias de 200 milhões de pessoas." Que tal trabalhar um eixo Brasília-Cidade do Cabo-Nova Délhi-Pequim?

Saber decidir — A China não se conformou em servir de base para a cadeia regional japonesa, nem em tornar-se um gigantesco mercado consumidor da ilha vizinha: desenvolve planos de superpotência mundial para 2050. Dimensões continentais, realidade complexa: localizou num ponto, o Sul, a experiência transformadora. Mas, com problemas de base graves como os brasileiros, não negligenciou a promoção da qualidade humana. Falta ao Brasil "uma visão compartilhada do país", reclama Dreifuss. Falta também espaço para o debate inteligente, sobram chutômetro e pequeno provincianismo. Como se dá que o Congresso não disponha de uma estrutura de pesquisa? Como decidir sem saber? (C.M.)

UM ANO DE "GLOBE TROTTING"

As viagens do presidente ao exterior em 1995:

Argentina — Puerto Iguazu. Encontro com o presidente Carlos Menem (17 e 18/2).

Uruguai — Montevidéu. Posse do presidente Julio Sanguinetti (1/3).

Chile — Santiago. Visita oficial (2/3).

Estados Unidos — Washington e Nova Iorque. Visita oficial (17 a 22/4).

Inglaterra — Londres. Comemoração dos 50 anos do fim da Segunda Guerra Mundial (6 e 7/5).

Venezuela — Caracas. Visita oficial (4 e 5/7).

Argentina — Buenos Aires. Posse do presidente (reeleito) Carlos Menem (7 e 8/7).

Portugal — Lisboa. Reunião dos chefes de Estado de língua portuguesa (18 a 22/7).

Peru — Lima. Posse do presidente (reeleito) Alberto Fujimori (27 e 28/7).

Paraguai — Assunção. Reunião do Conselho do Mercosul (3 a 5/8).

Bélgica — Visita oficial a Bruxelas e Bruges, incluindo a Presidência da União Europeia (12 a 15/9).

Alemanha — Bonn, Berlim e Frankfurt. Visita oficial (18 a 21/9).

Argentina — Bariloche. Participação na reunião de cúpula ibero-americana (15 a 17/10).

Estados Unidos — Nova Iorque. Comemorações do 50º aniversário da ONU (23 e 24/10).

Argentina — Buenos Aires. Reunião de cúpula do Grupo dos 15 (5 a 7/11).

Uruguai — Montevidéu. Reunião de cúpula sobre o Mercosul (7/12).

China — Pequim e Xangai. Visita oficial (13 a 17/12).

Malásia — Kuala Lumpur. Visita oficial (18 e 19/12).

Espanha — Madri. Assinatura do acordo de integração Mercosul-União Europeia (20/12).